

Clima: Uma Verdadeira Caixa de Surpresas

No mês de julho/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica, que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 291,95 cents/lb, chegou a trocar de mãos na máxima de 310,50 cents/lb, para depois encerrar o mês com fechamento em 295,80 cents/lb, portanto, um mês de maior estabilidade após o tombo das cotações nos meses anteriores. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 3.660,00/ton, chegou a trocar de mãos na mínima de USD 3.166,00/ton, para depois encerrar o mês com fechamento em USD 3.401,00/ton, portanto, mais um mês de baixa. Os motivos desses movimentos e dessa volatilidade nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Jan/25 a Ago/25)

Em 08/08/2025:

EMA (10) – 297,97

EMA (20) – 299,27

EMA (50) – 313,80

SMA (100) – 345,48



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 08/08/2025

Fechamentos - Mês de Julho/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$ 1.780,00	R\$2.020,00	R\$ 1.940,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$ 1.680,00	R\$1.900,00	R\$ 1.840,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$ 1.150,00	R\$1.290,00	R\$ 1.250,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$ 935,00	R\$1.065,00	R\$ 965,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	278,25	308,45	295,80
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	343,00	378,20	370,15
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	3.187,00	3.677,00	3.401,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$ 5,4090	R\$ 5,6034	R\$ 5,6021

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Setembro/2025

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No mês de julho/25, após o forte recuo visto nos meses de maio/25 e junho/25, as cotações do Arábica na Bolsa de NY parecem ter se estabilizado e, conforme previsto ao final da Síntese do mês de passado, apresentado uma leve correção técnica. Já para os Canephora, nem mesmo a possibilidade de uma correção técnica amenizou o viés de baixa que perdurou no decorrer do mês de julho/25. Todavia, se por um lado, os meses de maio/25 e junho/25 foram marcados por poucos e fracos fatores de alta, o mês de julho/25 apresentou algumas novidades que podem dar maior sustentação aos preços conduzindo-os a uma recuperação, por mais que leve e ainda parcial. Analisemos...

Conforme posto na síntese do mês passado, apesar do incremento apontado pelo USDA para o ciclo 2025/26, que culminará em um novo recorde de produção global de 178,680 milhões de sacas, há também uma previsão de recorde para o consumo que deve girar em torno de 169,363 milhões de sacas. Embora o incremento no consumo global não seja tão expressivo quanto na produção, quando associado às importações globais, estimadas em 140,283 milhões de sacas, e às exportações, estimadas em 148,533 milhões de sacas, resulta em estoques finais de 22,819 milhões de sacas para o ciclo 2025/26, ou seja, 13,47% do consumo global, um nível crítico e também insuficiente para, sequer, dois meses de consumo, o que tende a manter o mercado extremamente sensível a qualquer surto climático.

E por se falar em clima, no Brasil, o mês de julho/25 foi marcado por algumas adversidades que já começam a minar o potencial produtivo para o ano de 2026. Se em algum momento cogitou-se uma safra recorde no Brasil para o ano que vem, agora, já é possível afirmar que tal hipótese não existe mais. A safra de 2026 não será igual a safra de 2020. Apesar do atual inverno brasileiro vir provocando apenas geadas pontuais, de pouca intensidade em áreas de baixada, as temperaturas mínimas que vem sendo atingidas com certa frequência em importantes regiões de Arábica no Brasil, certamente vem reduzindo o potencial para a safra do próximo ano que, ao menos até o momento, ainda deve superar a atual safra. Todavia, é preciso seguir atento ao clima, pois daqui em diante, não há possibilidade de ganho de produção para o próximo ano, a única possibilidade que existe é de manter o atual potencial ou perder ainda mais diante adversidades climáticas. Além disso, em algumas importantes regiões cafeeiras do país, há relatos de chuvas de granizo que, embora localizadas e fora de época, foram abrangentes em termos regionais. E, mesmo que tende a tirar uma quantidade não tão expressiva de cafés do mercado, a chuva de granizo traz enorme prejuízo às lavouras que, de fato, foram atingidas. Quanto aos trabalhos de colheita, é possível perceber claramente que as atuais estimativas de safra para o atual ciclo (2025/26), tanto da CONAB como do USDA, terão de ser revisadas. De acordo com dados da Safras & Mercado, até o dia 06/agosto, 94% da safra já havia sido colhida, um percentual acima dos 92% do ano passado e acima dos 89% que é comum para esta época do ano. A grande questão é que aqui no Brasil, até o momento, inúmeros players do mercado cafeeiro, incluindo cooperativas agrícolas, exportadores, armazéns gerais, dentre outros, seguem com o mesmo questionamento: cadê o café esperado?? Conforme exposto no Podcast da Fundação Procafé nr. 181 (<https://www.youtube.com/watch?v=eFZLmJjug40>), pelos pesquisadores Alysson Vilela Fagundes e Alexandre Pedrosa Pinto, a quebra com relação ao potencial inicial de produção (estimado com base no pagamento das floradas de out/24), em função do veranico de fev/25 e mar/25, já alcança níveis de 30% para os cafés Arábicas, com inúmeros produtores relatando quebra com relação à quantidade que, inicialmente, haviam previsto colher neste ano. O problema não é necessariamente a quantidade de frutos ou o

tamanho dos grãos, mas a densidade e o peso dos grãos que levam determinados produtores a gastar algo em torno de 600 a 700 litros para se fazer uma saca de café. Ainda com relação à oferta de café aqui no Brasil, é preciso ponderar que dados do USDA apontam que o Brasil deverá encerrar o ciclo 2025/26 com 1,685 milhão de sacas em estoque e caso, realmente o USDA revise a atual safra para baixo em seu relatório de dezembro/25, é possível que esse número seja ainda menor. Portanto, é totalmente visível o fato de que o primeiro semestre de 2026 será de escassez com armazéns vazios aqui no Brasil.

Já com relação à demanda, o forte recuo nos preços, em especial dos Canephoras cujo recuo foi mais acentuado e se estendeu no decorrer do mês de julho/25, deve não somente conter uma elevação mais acentuada dos preços ao consumidor final, mas possivelmente retraí-los, o que pode impulsionar o crescimento do consumo de modo mais intenso. É válido lembrar que os dados mais recentes do USDA apontam um incremento global de 1,7% na demanda do ciclo 2024/25 para o ciclo 2025/26, o que confirma a resiliência do consumo global de café. E, com o recuo recente dos preços minando ainda mais a possibilidade de mudanças de hábitos, o aumento do consumo global de café volta a ser extremamente promissor.

Com relação às exportações globais, de acordo com a OIC (Organização Internacional do Café), em junho/25 foram exportadas 11,69 milhões de sacas contra 10,89 milhões de sacas exportadas no mesmo mês do ano anterior, ou seja, um incremento de 7,3%. Apesar disso, o volume de exportação acumulado no ciclo segue menor, somando 104,14 milhões de sacas arremetidas ao exterior de out/24 a jun/25 contra 104,33 milhões de sacas exportadas no mesmo período de um ano anterior (out/23 a jun/24). No tocante às exportações globais por espécie, dados da OIC apontam que no mês de junho/25 as exportações mundiais de Canephoras tiveram um incremento de 22,4% com relação a junho/24 ao passo que as exportações de Arábica apresentaram uma retração de 0,7% no comparativo entre os mesmos meses. Ainda de acordo com a OIC, três das quatro regiões exportadoras de café registraram expansão em suas exportações, com apenas a América do Sul apresentando retração. O mês de junho/25 foi o oitavo mês consecutivo de retração para a América do Sul, o que reduziu a participação da região no total das exportações para 35,6% em junho/25 ante uma representatividade de 46,7% no mês de junho/24. Essa retração, segue diretamente ligada ao fluxo de exportações brasileiras que continua em declínio. De acordo com o Cecafé, as 22,15 milhões de sacas exportadas pelo Brasil no acumulado dos sete primeiros meses de 2025, representaram um recuo de 21,4% com relação às 28,18 milhões de sacas exportadas no mesmo período do ano de 2024. Além disso, no mês de julho/25, de acordo com o Cecafé, o Brasil embarcou 2,73 milhões de sacas, o que implica queda de 27,6% na comparação com o mesmo período de 2024. Segundo o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, uma redução nos embarques já era aguardada neste ano pois, além de uma safra sem excedentes com o potencial produtivo impactado pelo clima, as exportações recordes de 2024 culminaram em níveis de estoques reduzidos. Ainda, de acordo com Márcio Ferreira, no que se refere à receita cambial, o Brasil surfou a onda dos elevados preços no mercado internacional, que reflete o apertado equilíbrio entre oferta e demanda ou mesmo um leve déficit na disponibilidade.

Quanto aos estoques certificados da ICE Futures, o relatório da OIC aponta queda nos estoques certificados da Bolsa de NY, que saíram de 0,91 do mês de junho/25 para 0,83 milhão de sacas no mês de julho/25 e acréscimo nos estoques certificados da Bolsa de Londres que saíram de 0,87 do mês de junho/25 para 1,18 milhão de sacas no mês de julho/25.

No mercado físico interno, ainda que de modo extremamente sutil, amenizando as quedas

recentes das cotações das principais Bolsa de café do mundo, a alta do dólar o Dólar contra o Real, que saiu dos níveis de R\$ 5,45 para R\$ 5,60. No maior valor desde 4 de junho, quando estava em R\$ 5,64, o dólar comercial subiu mais de 2,5% no decorrer do mês julho. Se por um lado a alta do Dólar exerce pressão sobre as cotações do café nas Bolsas, por outro, com o Dólar valorizado frente ao Real, os exportadores conseguem precificar melhor os cafés que compram dos produtores no mercado físico interno.

Também, contribuindo para atenuar o recuo dos preços no mercado físico, ainda que sutilmente, foi possível observar um leve estreitamento (valorização) nos diferenciais de base (FOB Santos x Ice Futures US) para alguns padrões no decorrer do mês de julho. Apenas para se ter melhor noção, o diferencial de base para um Fine Cup - tipo 2/3 - pen. 17/18 que ao final do mês de junho estava em -2,00 cents/lb, ao final do mês de julho estava em +2,00 cents/lb. Um Good Cup - tipo 3/4 - pen. 17/18, que ao final do mês de junho estava em -10,00 cents/lb, ao final do mês de julho estava em -8,00 cents/lb. Já um padrão inferior tal como o Rio Minas - pen. 17/18, que ao final do mês de junho estava em -85,00 cents/lb, ao final do mês de julho estava em -60,00 cents/lb.

Como é possível notar no gráfico da primeira página, hoje (08/agosto), as cotações na Ice Futures US (Bolsa de NY) conseguiram romper as resistências de 10 e de 20 períodos/dias, o que tecnicamente é positivo para os preços que, com o auxílio da frente fria que está para chegar na próxima semana, podem buscar a resistência de 50 períodos/dias e, quiçá, a de 100 períodos/dias que encontra-se acima de 345,00 cents/lb.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de julho, conforme posto logo acima, enquanto as cotações dos Arábicas parecem ter se estabilizado após o tombo dos dois meses anteriores, as cotações dos Canephoras seguiram em declínio, fortemente pressionadas pelos dados do Relatório Mundial de Produção, Mercados e Comércio de café do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), que aponta para uma safra global recorde amparada, em especial, pela produção recorde dos Canephoras (Robusta e Conilon).

Apenas para recapitular as últimas novidades fundamentais que pressionaram as cotações do café: no mês de maio/25 as cotações já haviam sido fortemente pressionadas pela revisão da Conab para a safra brasileira de 2025, que, no geral, saiu de uma possível quebra de -4,4% para um possível incremento de 2,7%, com destaque para uma safra recorde dos Canephoras. Para completar o viés de baixa do mês de maio/25, no mês de junho/25, as cotações despencaram diante os dados do USDA, que apontam uma safra global recorde para o ciclo 2025/26, com um superávit de 9,317 milhões de sacas no balanço entre oferta e demanda. Apesar deste superávit, é preciso ponderar que, conforme exposto em fatores de sustentação (logo acima), os níveis de estoques finais de 22,819 milhões de sacas para o final do ciclo 2025/26, ou seja, 13,47% do consumo global, ainda são extremamente críticos e insuficientes para, sequer, dois meses de consumo, o que tende a manter o mercado extremamente sensível ao clima. Outro ponto a se ponderar é que, se por um lado, qualquer surto climático pode vir a promover uma nova guinada nos preços, por outro lado, caso clima volte a contribuir para a manutenção do atual potencial produtivo para o próximo ano, é possível que os preços voltem a sofrer nova pressão.

Em síntese, o relatório do USDA aponta as seguintes projeções para o ciclo 2025/26 (estimativas ciclo global 25/26 x ciclo global 24/25):

- **Produção – (178,680 milhões de scs 25/26)** contra (174,395 milhões de scs 24/25);
- **Consumo – (169,363 milhões de scs 25/26)** contra (166,515 milhões de scs 24/25);
- **Estoques finais – (22,819 milhões de scs 25/26)** contra (21,752 milhões de scs 24/25);
- **Estoque percentual frente ao consumo: (13,47% ciclo 25/26)** contra (13,06% ciclo 24/25).

No balanço geral da produção, a ligeira quebra na produção global dos Arábicas (de 98,692 milhões de scs p/ 97,022 milhões de scs) será compensada por um recorde na produção global dos Canephoras (de 75,703 milhões de scs p/ 81,658 milhões de scs). A produção global dos Canephoras segue se aproximando cada vez mais da produção global dos Arábicas, atualmente, 46% de Canephoras contra 54% de Canephoras. Neste cenário, apesar da queda das cotações em ambas as Bolsas (Londres para os Canephoras e NY para os Arábicas), é possível observar um reajuste no diferencial dos preços da Bolsa de Londres para a Bolsa de NY, com uma perda de valor mais acentuada nos Canephoras, o que deve levar o setor industrial a migrar seus blends para um percentual maior de Canephoras. Já de um modo geral, a produção global de café para o ciclo 2025/26 deverá exceder a safra 2024/25 em 4,285 milhões de sacas, ocasionando um novo recorde global de produção: 178,680 milhões de sacas. A recuperação dos níveis de produção do Vietnã e da Indonésia somados a uma safra recorde da Etiópia, compensam as perdas no Brasil e na Colômbia. O destaque vai para o incremento na produção de Canephoras dos quatro maiores produtores globais desta espécie, Vietnã (+7,14%), Brasil (+14,76%), Indonésia (+5,38%) e Uganda (+2,56%). Com relação aos Arábicas, o destaque vai para a recuperação contínua dos níveis de produção da Etiópia, que culminará em uma safra etíope recorde de 11,56 milhões de sacas e para a quebra de produção no Brasil (-6,41%) e na Colômbia (-5,30%).

Com relação ao tarifaço, ainda não dá para cravar um real impacto no mercado de café. Primeiramente, porque é possível que ainda hajam negociações favoráveis para o setor. Entidades como a OIC (Organização Internacional do Café), o CECAFE (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil) e, até mesmo, a National Coffee Association que representa o setor industrial de café nos Estados Unidos, já possuem tratativas com seus pares norte-americanos, em vistas de fazer com que o café passe a integrar a lista de exceções elaborada pelo governo americano. Até mesmo porque de acordo com o Cecafé, na relação comercial cafeeira entre EUA e Brasil, as nações são imprescindíveis uma à outra, uma vez que os cafés brasileiros representam uma fatia superior a 30% do mercado cafeeiro norte-americano, sendo o principal fornecedor ao país, ao passo que os EUA respondem por 16% das exportações do produto nacional, sendo o principal destino de nossas exportações. Agora, se de fato, não houver êxito algum nestas tratativas, o que tende a ocorrer é um redirecionamento no fluxo global de exportações e importações de café uma vez que a oferta e a demanda global seguem justas. Por isso, caso as tratativas não avancem em vistas do café brasileiro se tornar uma exceção na lista do tarifaço, é muito provável que as indústrias norte-americanas comecem a prospectar novos fornecedores em origens mais viáveis e já utilizadas no mercado norte-americano. Além disso, diante de tarifas sobre o café brasileiro, essas alternativas podem ganhar peso redirecionando suas exportações em maior volume aos EUA, com o Brasil ocupando as lacunas deixadas nos outros destinos importadores destas origens. Apesar das possibilidades de um desfecho positivo, é lógico que todos esse contexto de barreiras tarifárias nos EUA entra como fator de pressão para os preços do café, não somente pela possibilidade de impactar os fundamentos, mas também pelas incertezas e aversão ao risco que gera em investidores. Para uma última reflexão sobre o tarifaço norte-americano: O fato é que, historicamente, barreiras tarifárias desencadeiam uma

série de ajustes no mercado, empresas buscam fornecedores alternativos, governos retaliam com medidas similares e os mercados entram em um ciclo de reajustes que afeta todos os setores e a economia. No contexto atual, em que as cadeias de suprimentos já enfrentavam desafios como a reorganização logística pós-pandemia e os efeitos dos conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio, as consequências vão além dos setores diretamente afetados, influenciando cadeias globais inteiras. Assim sendo, em vistas de mitigar riscos e reduzir a exposição a esses fatores geopolíticos, a mudança e a diversificação de origens fornecedoras para reforçar os estoques estratégicos são vitais. Contudo, para o setor café, o grande desafio consiste justamente no aperto existente entre o balanço de oferta e demanda, que já perdura por alguns anos, com consequentes níveis de estoques globais alarmantes e não suficientes para qualquer tipo de recomposição de estoques de segurança. Todo esse cenário aumenta as incertezas e, consequentemente a aversão ao risco, o que não é saudável para o mercado de café.

Com o mercado acompanhando as tensões entre o Brasil e os Estados Unidos, diante o anúncio do presidente norte-americano, Donald Trump, de uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros, o Dólar acabou ganhando força. Além disso, outro fator que favoreceu a valorização da moeda norte-americana ante outras divisas, foi a decisão do Federal Reserve em manter a taxa de juros norte-americana na de 4,25% a 4,50%. O presidente do Federal Reserve (FED), o banco central dos EUA, Jerome Powell, indicou não ter pressa em reduzir os juros, algo que, em tese, é favorável à moeda norte-americana. Assim, no cenário internacional o US Dollar Index (índice do dólar que mede o desempenho da moeda norte-americana frente a uma cesta de seis divisas) apresentou uma valorização de 3,33% no decorrer do mês de julho, encerrando o mês em de 3,33% em julho, fechando o mês a 99,97 pts. No cenário interno, além da incerteza fiscal diante uma trajetória insustentável da dívida pública que demanda reformas urgentes e abruptas, outro fator que favoreceu a moeda norte-americana foi o comunicado da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que não descartou a possibilidade de elevação de juros caso a inflação volte a subir nos próximos meses. A expectativa de juros mais altos estimula a fuga de investimentos das bolsas de ações e de commodities para aplicações em renda fixa. Com isso, o Dólar subiu mais de 2,5% no mês de julho, saindo dos níveis de R\$ 5,45 para R\$ 5,60. Além de toda a aversão ao risco que o cenário econômico global e nacional vem gerando, de modo a levar investidores a migrarem de suas posições em ativos de risco, tal como o café, para ativos de maior segurança, tal como o próprio Dólar, a valorização Dólar também exerce pressão sobre as cotações de café nas principais Bolsas de café do mundo por tornar o mercado mais atraente à ponta vendedora e por ser um fator de estímulo para as exportações, o que tende a elevar oferta.

Outro ponto que segue merecendo destaque e atenção são os conflitos geopolíticos no Oriente Médio e na Ucrânia com a invasão da Rússia. Tais conflitos podem gerar impactos significativos na economia global, incluindo aumento da inflação, volatilidade no mercado cambial, volatilidade nos mercados financeiros e incertezas no mercado de commodities, com fuga de investimento nas bolsas de ações e de commodities com respectivo aumento da procura por ativos de menos risco. Deste modo, assim como um possível arrefecimento poderia ocasionar um aumento no apetite ao risco por parte de investidores, o que geralmente é interessante para ativos de risco como o café, uma escalada dos conflitos poderia ocasionar maior aversão ao risco, o que nunca é interessante para ativos de risco tal como o café.

Após forte pressão sobre as cotações do café, o reposicionamento da carteira dos fundos de investimentos e especuladores que vinham reduzindo drasticamente seus saldos líquidos comprados em Futuros na Ice Futures US (Bolsa de NY) parece ter chegado ao seu fundo ao atingir um saldo líquido comprado de 28.921 contratos no dia 08/julho conforme reportado pela

CFTC (Comissão de Negociação de Contratos Futuros de Commodities dos EUA). Já no dia 05/agosto, os fundos estavam com um saldo líquido comprado de 29.258 contratos. É válido observar que no início do ano, fundos de investimentos e especuladores chegaram a deter um saldo líquido comprado em Futuros acima de 75.000 contratos na Ice Futures US (Bolsa de NY). A forte redução do saldo líquido comprado na carteira de investimento dos fundos, sem dúvida, exerceu forte pressão sobre as cotações na Bolsa de NY.

Por fim, é preciso se atentar ao período que antecede o registro de aviso de entrega física na Bols de NY, que se inicia no dia 21/agosto e se estende até o dia 19/setembro, o que deve deixar o mercado mais agitado e, conseqüentemente, volátil durante o mês de agosto devido às coberturas e rolagens de posições de setembro/25 para o vencimento dezembro/25. Geralmente os fundos que estão vendidos ou comprados e não pretendem liquidar sua posição em definitivo, precisam rolar sua posição atual para o vencimento seguinte utilizando operações estruturadas de rolagem de posição na Bolsa, o que geralmente eleva a volatilidade do mercado.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

“Os níveis de estoques, como posto no decorrer desta Síntese, seguem críticos. E o clima segue sendo uma caixa de surpresas. Por isso, o produtor deve estar atento às novas oportunidades que podem surgir diante a perda do potencial produtivo que o Brasil vem apresentando na atual safra diante os baixos níveis de rendimento para se fazer uma saca de café e, também, diante a perda do potencial produtivo para a safra de 2026 devido às baixas temperaturas que vêm assolando as lavouras cafeeiras de diversas regiões produtoras do país. Por se falar em clima, no início da próxima semana, há previsões de mais uma frente fria e, mesmo que não traga uma geada como a de 2021 (tomara que não), as baixas temperaturas seguem beliscando, aos poucos, o potencial da safra de 2026. Muita atenção aos danos não aparentes, pois eles já estão sendo consumados. Brevemente, o mercado deve se atentar a isso e propor oportunidades de preços melhores do que os atuais, o que não quer dizer que vá chegar aos níveis recordes vistos no início do ano. Portanto, cuidado para não perderem timing, façam suas médias, sem deixar de participar durante as altas que o mercado propuser, mas, ao mesmo tempo, sem arriscar tudo ou muito em poucas jogadas.”

Varginha, 08 de agosto de 2025.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**

Superintendente Executivo - Fundação Procafé